

ROBERTO MACEDO

ESTADO DE SÃO PAULO

Poupança nossa

É sabido que as crises não são necessariamente um mal. Pelas lições que ensinam podem nos afastar de piores caminhos, que seriam percorridos na ausência delas. O caso da crise mexicana é ilustrativo. Embora seus respingos estejam causando problemas à economia brasileira, terá sido útil se nos afastar dos mesmos rumos tomados pela economia mexicana.

Que rumos foram esses? O que houve foi a opção de financiar um excesso de gastos sobre a renda mediante financiamento por capitais voláteis, ou seja, os que, na presença de algum alarme, imediatamente se retiram. Suponha o leitor, para ter uma situação comparável, qual seria a sua situação se partisse para uma orgia de consumo financiada por sucessivos estouros do limite de seu cheque especial no banco e sujeito aos humores de um gerente capaz de cortar a farra a qualquer momento.

Uma taxa de câmbio sobrevalorizada, ou seja, o peso caro e o dólar barato, mais a ausência de reformas estruturais para que a economia funcionasse de outra forma atuaram para gerar



**Esse é o
caminho para
o País
crescer com
suas próprias
forças**

um grande déficit na balança comercial, que reflete no movimento de exportação e importação de mercadorias e, mais grave ainda, na de transações correntes. Esta última inclui o resultado da primeira acrescido do da balança de serviços (frete, juros e dividendos, entre outros) e define, juntamente com o nível das reservas internacionais, a necessidade de aporte de capitais externos.

Assim, o México estava se financiando com poupança externa e, de uma forma distorcida, pelo irrealismo do câmbio, pela ausência de reformas e pela natureza volátil dos capitais que para ele acorreram. Houve advertências, mas é típico dessas aventuras que os atores nela envolvidos, inclusive os investidores, percam a racionalidade, dado seu interesse em que a farra continue. Os mercados estão sujeitos a esse fenômeno das "bolhas", com a euforia gerando euforia até o momento em que alguma coisa cause a ruptura.

O Brasil começou a enveredar pelo mesmo caminho, gerando déficits comerciais que, somados ao tradicional déficit de serviços, produziram sensí-

veis desequilíbrios na balança de transações correntes. Hoje, com um déficit final ainda pequeno, reservas elevadas e apenas no início do processo, devemos aproveitar as lições do México para reverter esse caminho.

Permanecerá, de qualquer forma, a necessidade de recursos para investimentos. Para isso é muito importante que sejam tomadas iniciativas para aumentar a poupança interna. Não nos referimos necessariamente às cadernetas de poupança, às quais o governo acaba de dar um incentivo adicional. Se seus recursos forem tomados pelo próprio governo para financiar gastos de consumo, o resultado final não será favorável. Será importante que a poupança adicional nessas cadernetas seja aplicada em investimentos, em particular os de natureza habitacional.

Há várias outras maneiras de incentivar a poupança e o seu investimento em atividades produtivas. A mais importante será controlar a inflação em caráter definitivo e restaurar a confiança na moeda. Para tanto será necessário avançar com o ajuste fiscal e aumentar a capacidade de poupança do setor público. Na anunciada reforma da Previdência, a criação de uma previdência complementar baseada no regime de capitalização significaria geração de poupança adicional. Na reforma tributária, os impostos também poderão ser direcionados para estimular a

poupança e o investimento.

Enfim, há várias alternativas pelas quais o País pode reduzir a necessidade de recursos externos. E, assim, iniciar um "círculo virtuoso", pois com isso se fortalecerá perante a comunidade internacional, inclusive para atrair investimentos diretos. Estes realmente nos interessam, para diminuir sensivelmente a importância desses capitais voláteis que abandonam o País na esteira de movimentos que muitas vezes não têm nenhuma racionalidade.

Há fortes indícios de que a tendência mundial dos movimentos de capitais vai ser a de examinar os países de uma forma mais cuidadosa, verificando suas dívidas, os diversos aspectos de sua política econômica, sua capacidade de realizar reformas estruturais, sua taxa de poupança interna e sua capacidade produtiva, entre outros indicadores. Enfim, aqueles elementos capazes de mostrar se a administração econômico-financeira de um país está sendo feita de forma responsável e se sua economia é intrinsecamente saudável.

A poupança nossa é, assim, o melhor caminho para o País crescer com suas próprias forças e atrair a boa companhia que pode vir de fora. A que hoje fogue não é boa companheira.

■ Roberto Macedo é professor da FEA-USP e da Universidade Mackenzie e pesquisador da Fipe e do Instituto Fernand Braudel